

das camélias por Armand Duval. Desta forma, muitas das peças encenadas continuavam a ser transmitidas diretamente dos estúdios, em meio à correria e afobação geral, troca de cenários e indumentárias, com os incidentes pitorescos a se repetirem, como o do zíper do vestido que Vida Alves usava na montagem de *A Dama das Camélias*, na qual interpretava o papel central. Na passagem de uma cena para outra, a referida atriz tinha que trocar de roupa imediatamente. Assim sendo, Vida terminou de interpretar a cena, a câmera que a focalizava se afastou e, numa pequena e lenta panorâmica, a fim de permitir que a atriz mudasse de roupa, pousou simplesmente sobre uma camélia num vaso, aí permanecendo. Acontece porém que o zíper do vestido emperrou e Vida não conseguia libertar-se da indumentária. A solução foi deixar a câmera focalizar a camélia por quase dez minutos. (Foto 23)

Em razão de incidentes deste tipo, mas sem conhecimento deles, muitas vezes críticos e público acusavam o TV de Vanguarda e outros programas congêneres de terem um ritmo arrastado, com demoradas panorâmicas e intermináveis tomadas estáticas, ignorando que estas nada mais eram, do que recursos de passagem de tempo para permitirem uma alteração no cenário, a troca de roupas e penteados, o envelhecimento através da maquiagem, a correção de uma marcação ou até mesmo para que o ator que tivesse esquecido em cena o seu papel, pudesse ler o texto, às pressas, numa das dalias (colas) colocadas estrategicamente pelos cantos dos cenários ou mesmo nas costas dos outros atores... (55)

Durst, segundo Márcia Real, nas adaptações que escrevia era um dos produtores que "não tinha a preocupação de se preocupar com os atores", os quais, sem cenas intermediárias, faziam malabarismos para se trocarem atrás das tapadeiras ou mesmo praticamente em cena. (56) Às vezes a câmera já estava focalizando seus rostos, enquanto a camareira, agachada no chão, vestia as saias numa atriz.

Tais tipos de incidentes caracterizavam toda a época das transmissões ao vivo. A televisão, como afirma Cattán, era nessa fase "uma coisa heróica" e, se de um lado, tinha "milhões de defeitos", os quais o vídeo tape facilmente corrigiu depois, salvando intérpretes e programas, por outro, os atores atuavam com mais garra, pois sabiam que uma vez no ar, não havia caminho de volta, como se estivessem num gigantesco teatro em cuja platéia milhares de olhos os observassem.

De acordo com Benjamin Cattán, o primeiro trabalho que ele produziu e dirigiu para o TV de Vanguarda foi um texto de Gianfrancesco Guarnieri, *Cimento*, interpretado por Elísio de Albuquerque (operário velho) e David José (operário novo). Passada numa construção e contando a história de pedreiros, gente simples, o espetáculo foi bem sucedido, graças inclusive à plasticidade da cenografia que reproduzia um edifício em obras, tijolos, caibros, andaimes, etc. No final trágico da peça, em razão de o construtor ter utilizado material inferior na edificação, esta desmoronava, matando um dos personagens.

À boa receptividade de *Cimento*, seguiram-se outros sucessos do TV de Vanguarda, agora voltado basicamente para peças teatrais. Entre outros textos, podemos citar os seguintes: — Ninguém Ama os Mortos, de Carlos Eduardo Barbosa, autor premiado em concurso realizado pela TV Tupi da Guanabara. Do elenco participavam na montagem paulista, Percy Aires, Glória Menezes, Luiz Gustavo, Rita Cleós, Geórgia Gomide e outros; encenada em julho de 1962;

- Testemunha de Acusação, de Agatha Christie, com Laura Cardoso (7.10.1962);
- Teresa Raquin, de Emile Zola; produção Benjamin Cattán; direção de TV: Régis Cardoso, cenografia Norma Ressa; iluminação: W. Pereira (4.11.1962, às 22:30h);
- Três Anas e Três José em Volta da Cama, de Ari Klein, com Geórgia Gomide (possivelmente 18.11.1962);
- Oceano Guíomar, de Gianfrancesco Guarnieri e Roberto Freire, com Geórgia Gomide, Eduardo Abas, Rolando Boldrin, Lima Duarte e Elísio de Albuquerque (16.12.1962).

Em 1963, segundo a diretriz proposta, o TV de Vanguarda entre outros apresentou: — O Cordão, de Arthur Azevedo, com Suzana Vieira (27.1.1963); — Mortos sem Sepultura, de Jean-Paul Sartre, com Vida Alves; — Ratos e Homens, de John Steinbeck; produção Benjamin Cattán; direção de TV Mário Pamponet; cenógrafo Luigi Calvano; iluminação Gilberto Bottura; com Altair Lima e Geórgia Gomide (5.5.1963 às 22:00h); — Entre Quatro Paredes, de Jean-Paul Sartre, com Laura Cardoso (Inés), Vida Alves (Estelle) e Rildo Gonçalves (Garcin) (19.5.1963); — Laura, adaptação do filme do mesmo nome; produção e direção de Benjamin Cattán (16.6.1963); — Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna, com Vida Alves.

A debandada de parte do elenco das Associadas para o Canal 9 trouxera naturalmente um desequilíbrio temporário para a TV Tupi, sobretudo no que se referia a seus teleteatros e, em especial, ao TV de Vanguarda. Do antigo elenco, muitos haviam permanecido na televisão do Sumaré, entre estes, Laura Cardoso que, nos anos seguintes, alcançou o ápice de sua carreira, consagrando-se como uma das nossas melhores atrizes do vídeo. Aos poucos, novos valores foram sendo contratados, tais como Aracy Balabanian, Marcos Plonka e Elias Gleiser. Este último já era ator conhecido pelo público através do Teatro



(Foto 23) Cláudio Marzo e Vida Alves em *A Dama das Camélias*, de Alexandre Dumas Filho. Produção, adaptação e direção: Benjamin Cattán. TV de Vanguarda — TV Tupi — São Paulo Foto/Arquivo de Vida Alves

(55) Nos meios televisivos paulistas, o uso da palavra dália com o sentido de cola surgiu de um incidente pitoresco ocorrido com Fregolente. Este ator não conseguindo decorar o seu texto para um teleteatro, escreveu o num papel e colou-o estrategicamente num vaso de dalias que ornamentava o cenário. Contudo, devido ao calor intenso, as flores murcharam e o contra-regra, sem saber de nada, achou melhor tirá-las do ambiente. Durante a representação no momento de sua fala, incapaz de lembrar as palavras, Fregolente aproximou-se do local onde estivera antes o vaso e não o encontrando, ao invés de dizer o seu texto, desesperado, pôs-se a perguntar em voz alta: "Onde estão as dalias? Onde estão as minhas dalias?" Daí em diante, as colas dos vários atores passaram a ser chamadas de dalias.

(56) Depoimento de Márcia Real ao IDART, São Paulo, 8 de novembro de 1976.